

Editorial 62-3

Prezados leitores,

Este número da Revista Brasileira de Cancerologia (RBC) é integralmente dedicada ao tema Cuidado Paliativo em Câncer. Por esse motivo, inicio este editorial ressaltando a importância da escolha de tal temática.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, no ano de 2030, haverá 27 milhões de casos novos de câncer com 17 milhões de mortes pela doença e 75 milhões de pessoas vivendo com câncer. Anualmente, mais de 100 milhões de pessoas, entre familiares, cuidadores e pacientes, necessitarão de cuidados paliativos, entretanto menos de 8% terão acesso a esses serviços.

De acordo com a *European Association of Palliative Care* (EAPC), o cuidado paliativo é o cuidado ativo e integral aos pacientes portadores de doenças sem possibilidade curativa. O controle da dor e dos demais sintomas físicos, psicossociais e espirituais são o foco do trabalho da equipe interdisciplinar e englobam a unidade paciente-família. Esse cuidado reafirma a vida, considera a morte um processo natural e se propõe a preservar a melhor qualidade de vida possível até o momento do óbito.

As Portarias nº. 3.535 do GM/MS de 1998; nº. 2.439 de 2005; nº. 3.150 de 2006; e nº. 874 de 2013 compõem o arcabouço legal, no Brasil, para a implantação do cuidado integral e da linha de cuidado do paciente oncológico e são marcos importantes para a consolidação dos cuidados paliativos no Sistema Único de Saúde (SUS).

O volume 62, número 3 da RBC, traz quatro artigos originais, um relato de caso, três artigos de opinião, uma resenha e sete resumos de trabalhos apresentados na *VI Jornada de Cuidados Paliativos do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA)*, promovida pelo Hospital do Câncer IV, na Unidade de Cuidados Paliativos do Instituto.

O artigo de Lofrano e colaboradores avalia o impacto do tratamento quimioterápico com carboplatina e paclitaxel na qualidade de vida de mulheres com câncer do colo do útero. Os resultados, apesar de indicarem um impacto positivo no controle de diversos sintomas, não demonstraram melhora da qualidade de vida das pacientes avaliadas.

Já os autores Costa e Soares nos trazem a reflexão a respeito da compreensão dos sentidos e significados da alimentação e nutrição nos cuidados paliativos oncológicos para pacientes e cuidadores analisados no Brasil e Portugal. A conclusão dos autores é que o sentido primordial da alimentação e nutrição está na sua relação condicional para a vida, demonstrando ser fundamental o seu valor cultural e social, cheio de significado simbólico e grande carga emocional.

Ao analisar a relação de interdependência e complementariedade entre a aplicação do conceito de palição e qualidade da sobrevivência do paciente oncológico, na perspectiva da equipe multidisciplinar, Silva e colaboradores concluem que as necessidades de palição dos sobreviventes ao câncer demandam políticas específicas de controle de câncer. Tais políticas envolvem um modelo de planejamento de assistência orientado por uma definição de sobrevivência mais ampliada, fundada em estudos acerca das necessidades físicas, emocionais, econômicas e sociais desse crescente grupo.

Mesquita e Silva avaliam, na perspectiva do paciente, convergências e divergências entre orientações para o autocuidado, compreensão quanto às orientações e à sua aplicação. Os resultados foram divididos em três categorias empíricas e os autores propõem que, na transição de uma etapa para outra, haja uma ação anterior de identificação dos fatores socioculturais, uma ação posterior de caráter avaliativo e ações de acompanhamento entre os ciclos.

Em relato de caso, Pontalti e colaboradores enfatizam os benefícios da hipodermóclise, concluindo ser essa uma via segura, minimamente invasiva e eficaz no tratamento sintomático de pacientes com câncer em cuidados paliativos.


Na sessão artigos de opinião, são apresentados três artigos com temas bastante relevantes para o cuidado paliativo. Ao refletir sobre questões relacionadas à morte, Da Silva questiona o modelo de formação em saúde, ainda apoiado em uma visão exclusivamente tecnicista, em detrimento do aspecto humano, que precisa se confrontar com os próprios limites. Reforça ainda que, a partir do momento em que concebemos a vida como finita, ampliamos nosso cuidado

com essa experiência, e os profissionais de saúde que têm a oportunidade de desenvolver suas competências para lidar com doenças ameaçadoras da vida podem reconhecer os limites da cura, mas a ausência dos mesmos para o cuidado. Martins e Da Hora, a partir do cotidiano de trabalho do serviço social em pediatria oncológica, apontam sobre a necessidade da efetivação de um tratamento continuado e integral a crianças e adolescentes, tendo-se, como grande desafio, o acesso a insumos, medicações e políticas públicas de assistência, educação, habitação e previdência que estejam de acordo com as necessidades demandadas pelos cuidados paliativos. No terceiro artigo, Bastos e colaboradores ressaltam a importância e o impacto da comunicação de más notícias. Apesar de ferramenta essencial na vida humana, ainda se faz complexa e deficiente. Os autores defendem a inserção da formação em comunicação de notícias difíceis na graduação e educação continuada de instituições hospitalares.

Na última seção, apresentamos a resenha *Cuidados Paliativos no Mundo* na qual, com base nas publicações da *The Economist Intelligence Unit* de 2010 e 2015 sobre qualidade de morte, são descritos o desenvolvimento do cuidado paliativo mundialmente e a necessidade de seu aprimoramento, sobretudo, nos países em desenvolvimento.

Por fim, seguem os resumos da *VI Jornada de Cuidados Paliativos do INCA*.

Agradeço a todos que colaboraram para esta edição e desejo uma ótima leitura!



Germana Hunes Grassi Gomes Victor
Diretora da Unidade de Cuidados Paliativos
Coordenação de Assistência

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA)